



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 05 - Sociologia na Educação Básica

Uberização e formação crítica: uma experiência de ensino de Sociologia na Educação
Básica

Caleandra da Silva¹

¹ Graduação em Ciências Sociais (FURB). Professora de Sociologia da Rede Pública Estadual de Santa Catarina.
E-mail: 619891@profe.sed.sc.gov.br

INTRODUÇÃO

O trabalho constitui uma das categorias centrais para a compreensão da vida social e, por isso, ocupa lugar relevante no ensino de Sociologia. Ao longo da história, diferentes sociedades organizaram, de maneiras diferentes, as formas de produzir, distribuir e atribuir significado às atividades de trabalho. De acordo com Marx (2013), o trabalho é compreendido como uma categoria ontológica e ineliminável, pois representa a mediação fundamental entre os seres humanos e a natureza, sendo condição para a reprodução da vida social. Nesse sentido, o trabalho continua existindo em qualquer forma de sociedade; o que se transforma historicamente não é a sua existência, mas as formas sociais que ele assume.

Assim sendo, as transformações recentes do capitalismo, impulsionadas pelo avanço das tecnologias digitais, têm provocado mudanças significativas nas formas de organização do trabalho. Nesse cenário, empresas baseadas em plataformas digitais passaram a intermediar serviços em diferentes setores da economia, especialmente em atividades urbanas como transporte e entregas. Um exemplo emblemático desse modelo é o difundido pela empresa Uber, cuja lógica de funcionamento deu origem ao termo “uberização do trabalho”. Essas mesmas transformações tecnológicas têm sido frequentemente associadas à ideia de progresso, inovação e melhoria das condições de vida. No campo das políticas urbanas e do planejamento tecnológico, por exemplo, o conceito de “cidades inteligentes” tem sido amplamente difundido como modelo de desenvolvimento baseado na integração entre tecnologia digital, gestão eficiente de recursos e melhoria da qualidade de vida da população.

No entanto, a incorporação de tecnologias digitais na organização da vida urbana não produz necessariamente benefícios distribuídos de forma igualitária entre todos os indivíduos. Estudos sobre o mercado de trabalho brasileiro indicam que a expansão de serviços mediados por aplicativos ocorre em um contexto marcado pela elevada informalidade. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua apontam que uma parcela significativa dos trabalhadores brasileiros atua em ocupações sem vínculo formal de trabalho, cenário no qual atividades intermediadas por plataformas digitais têm se expandido de forma expressiva (IBGE, 2023).

Nesse contexto, emerge o fenômeno da chamada uberização do trabalho, caracterizado pela mediação algorítmica das atividades laborais, pela flexibilização das relações de emprego e pela transferência de riscos e custos para os próprios trabalhadores. Embora frequentemente apresentado pelas empresas de tecnologia como uma oportunidade de autonomia e

empreendedorismo, esse modelo tem sido alvo de críticas por parte de pesquisadores. Conforme argumenta Antunes (2018), as transformações recentes no mundo do trabalho, impulsionadas pela expansão das plataformas digitais, têm contribuído para a ampliação de formas de trabalho marcadas pela instabilidade, pela intensificação das atividades laborais e pela fragilização das garantias trabalhistas. Nesse cenário, observa-se também o surgimento de novas formas de organização e mobilização coletiva entre trabalhadores vinculados a aplicativos, que buscam reivindicar melhores condições de trabalho e maior reconhecimento de direitos. Diante desse cenário, o ensino de Sociologia na educação básica pode desempenhar um papel fundamental na problematização crítica dessas transformações contemporâneas. Ao possibilitar a análise de fenômenos sociais presentes no cotidiano dos estudantes, a disciplina contribui para o desenvolvimento de ferramentas analíticas que permitem compreender as dinâmicas sociais que estruturam o mundo do trabalho.

O presente trabalho apresenta o relato e a análise de uma experiência pedagógica desenvolvida em uma escola pública localizada no município de Presidente Getúlio, no estado de Santa Catarina, envolvendo estudantes do ensino médio. A atividade teve início em discussões realizadas em sala de aula sobre as transformações do trabalho contemporâneo e resultou no desenvolvimento de um projeto apresentado em uma feira de ciências escolar.

Inicialmente, a proposta surgiu a partir de atividades realizadas em sala de aula, nas quais os estudantes foram convidados a refletir sobre o fenômeno da uberização do trabalho. Nesse primeiro momento, a discussão ocorreu por meio de aulas expositivas dialogadas e da construção de mapas mentais, buscando problematizar conceitos como trabalho formal e informal, precarização do trabalho e as transformações contemporâneas nas relações laborais.

Posteriormente, com a divulgação na escola de uma feira de ciências intitulada “Culturas Inteligentes: Inovações Sustentáveis para a Cidade e Campo”, a temática trabalhada em sala de aula passou a ser retomada a partir da possibilidade de construção de um projeto para apresentação no evento. O projeto recebeu o título “Cidades inteligentes, mas para quem? O fenômeno da uberização do trabalho” e consistiu na elaboração de um circuito interativo, unindo Sociologia e programação, com apoio e uso da sala maker ² da escola.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as potencialidades do ensino de Sociologia na abordagem crítica de temas contemporâneos, bem como analisar de que forma práticas pedagógicas que articulam investigação, criatividade e protagonismo estudantil podem

² A sala maker é um espaço de inovação no ambiente escolar, baseado na cultura do “faça você mesmo”. Trata-se de um local de aprendizagem prática e colaborativa, equipado com ferramentas manuais e eletrônicas que possibilitam o desenvolvimento de projetos criativos e a aplicação concreta dos conteúdos estudados em sala de aula.

contribuir para a formação do pensamento crítico entre estudantes do ensino médio.

DESENVOLVIMENTO

As transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas têm sido amplamente discutidas nas Ciências Sociais, especialmente diante dos impactos das tecnologias digitais e das mudanças nas formas de organização produtiva. A intensificação da globalização econômica, aliada ao avanço das tecnologias da informação e comunicação, contribuiu para o surgimento de novos modelos de gestão e intermediação do trabalho, frequentemente apresentados como expressões de inovação e modernização das atividades econômicas.

Nesse contexto, destaca-se a expansão das plataformas digitais que intermediam serviços, como transporte individual de passageiros e entrega de mercadorias. Empresas que operam por meio de aplicativos passaram a desempenhar papel central em diversas atividades urbanas, estruturando um modelo de trabalho baseado na conexão entre consumidores e trabalhadores por meio de sistemas digitais.

Esse modelo tem sido frequentemente associado à ideia de flexibilidade e autonomia, uma vez que os trabalhadores podem, em tese, definir seus próprios horários e ritmos de trabalho. Entretanto, diferentes análises sociológicas têm apontado que esse arranjo também está relacionado a processos de flexibilização e precarização das relações laborais.

O fenômeno conhecido como uberização do trabalho tem sido analisado por diversos pesquisadores como uma nova forma de reorganização das relações entre capital e trabalho mediada por plataformas digitais. Segundo Abílio, Amorim e Grohmann (2021), a uberização caracteriza-se pela gestão algorítmica do trabalho, pela transferência de riscos aos trabalhadores e pela dissolução de vínculos formais de emprego, mantendo-se, ao mesmo tempo, mecanismos sofisticados de controle e coordenação das atividades.

Nesse modelo, aplicativos digitais assumem funções tradicionalmente desempenhadas por empregadores, como a distribuição de tarefas, a definição de preços e a avaliação do desempenho dos trabalhadores. Como observa Areosa (2021), a gestão do trabalho passa a ser mediada por algoritmos, de modo que “o chefe passa a ser o algoritmo”, evidenciando novas formas de supervisão e controle que operam por meio de sistemas automatizados.

No contexto brasileiro, esse processo também se articula com características estruturais do mercado de trabalho, historicamente marcado por altos índices de informalidade e precarização. Nesse sentido, a expansão das plataformas digitais não cria necessariamente novas formas de precariedade, mas reconfigura e intensifica processos já presentes no

capitalismo contemporâneo (ANTUNES, 2018).

Assim, o debate sobre uberização não se limita à análise das tecnologias digitais, mas envolve também reflexões mais amplas sobre as transformações do capitalismo contemporâneo e seus impactos nas condições de trabalho.

Paralelamente à expansão das plataformas digitais, consolidou-se também no debate contemporâneo o conceito de cidades inteligentes (*smart cities*), frequentemente associado ao uso intensivo de tecnologias digitais para aprimorar a gestão urbana e melhorar a eficiência de serviços públicos.

De modo geral, o conceito refere-se à utilização de sistemas de informação, sensores digitais e análise de dados para otimizar áreas como mobilidade urbana, gestão de energia, segurança pública e prestação de serviços à população. Segundo Leite (2012), cidades inteligentes são aquelas que utilizam tecnologias digitais e inovação para promover maior eficiência na gestão urbana e melhorar a qualidade de vida de seus habitantes.

Entretanto, as transformações associadas à expansão das plataformas digitais não se limitam aos benefícios frequentemente destacados pelos discursos de inovação tecnológica. Conforme argumenta Antunes (2018), esse modelo de organização do trabalho tem contribuído para a ampliação de formas de ocupação marcadas pela flexibilidade, pela instabilidade e pela fragilização das garantias trabalhistas. No caso dos serviços mediados por aplicativos, por exemplo, a promessa de maior eficiência na mobilidade urbana e de acesso facilitado a determinados serviços depende diretamente do trabalho de milhares de motoristas e entregadores, cuja atividade frequentemente ocorre em condições marcadas pela insegurança econômica e pela ausência de proteção social.

É nesse sentido que a reflexão sociológica se torna fundamental para problematizar as contradições presentes nos processos contemporâneos de inovação tecnológica. Ao analisar as relações entre tecnologia, trabalho e desigualdade, torna-se possível questionar quem se beneficia das transformações associadas às chamadas cidades inteligentes e quais grupos sociais assumem os custos e riscos associados a esse modelo de organização econômica.

A experiência pedagógica analisada neste trabalho foi desenvolvida em uma escola pública localizada no município de Presidente Getúlio, no interior do estado de Santa Catarina. A região apresenta características socioculturais específicas relacionadas aos processos históricos de colonização europeia, especialmente de origem alemã, que contribuíram para a formação de valores sociais fortemente associados ao trabalho, à disciplina e à autonomia individual.

Em muitos desses contextos, o trabalho ocupa um lugar central na construção de valores morais, sendo frequentemente associado a ideias de responsabilidade pessoal, esforço individual e mérito. Situações de desemprego ou reivindicações relacionadas a direitos trabalhistas podem, em determinados casos, ser interpretadas socialmente de forma negativa, como sinais de falta de empenho ou iniciativa.

Esse tipo de valorização moral do trabalho pode ser interpretado à luz das reflexões de Max Weber na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ao analisar a relação entre religião e economia, Weber argumenta que determinadas correntes do protestantismo contribuíram para a construção de uma ética que associa o trabalho disciplinado, contínuo e racional a um valor moral em si mesmo, favorecendo a consolidação do espírito do capitalismo moderno (Weber, 2004). Em contextos sociais onde o trabalho passa a ser compreendido predominantemente como expressão de virtude individual, discursos contemporâneos associados ao empreendedorismo e à ideia de “ser o próprio patrão” tendem a encontrar forte ressonância social.

Nesse cenário, narrativas frequentemente mobilizadas por empresas de aplicativos — que enfatizam autonomia, flexibilidade e independência — podem ser facilmente incorporadas ao imaginário social local. Isso torna particularmente desafiadora a problematização crítica das condições de trabalho mediadas por plataformas digitais no contexto escolar.

A construção dessa narrativa ficou evidente nas discussões realizadas em sala de aula, nas quais alguns estudantes manifestaram surpresa diante das análises sociológicas apresentadas, afirmando que “nunca haviam pensado por esse ângulo”. Esse tipo de reação evidencia o papel do ensino de Sociologia na ampliação das perspectivas analíticas dos estudantes, permitindo que fenômenos frequentemente naturalizados no cotidiano sejam observados a partir de diferentes perspectivas sociológicas.

A abordagem do tema “uberização do trabalho” em sala de aula foi organizada por meio de uma sequência didática que combinou exposição teórica, análise de materiais audiovisuais e atividades de sistematização conceitual. Inicialmente, o fenômeno da uberização do trabalho foi apresentado por meio de aulas dialogadas que discutiam as diferenças entre trabalho formal e informal, transformações contemporâneas do mundo do trabalho e o papel das plataformas digitais na reorganização das atividades produtivas.

Após essa etapa inicial de contextualização, os estudantes foram convidados a desenvolver atividades que estimulavam a reflexão crítica sobre o tema. Uma das principais estratégias pedagógicas adotadas foi a elaboração de mapas mentais, realizada em duplas. Para orientar a atividade, foram propostos cinco eixos de reflexão:

1. Conceito de uberização
2. Características do modelo de trabalho mediado por aplicativos;
3. Críticas e problematizações;
4. Debates presentes na sociedade (autonomia versus precarização);
5. Possíveis soluções ou alternativas.

Além da organização conceitual, os estudantes foram convidados a realizar um exercício de imaginação social, colocando-se no lugar de trabalhadores inseridos nesse modelo de atividade. A proposta era representar, por meio de desenhos ou símbolos, sentimentos e percepções associados a essa condição de trabalho.

Essa atividade resultou em representações visuais expressivas, como desenhos de carteiras de trabalho rasgadas — simbolizando a fragilidade dos direitos trabalhistas — e mãos acorrentadas, representando a sensação de aprisionamento e falta de alternativas enfrentada por muitos trabalhadores de aplicativos.

Após essa experiência em sala de aula, houve a divulgação da XVII Feira Estadual de Ciência e Tecnologia da Educação Básica e Profissional da Rede Pública Estadual de Santa Catarina (FECITEC/SC), cujo tema do ano de 2025 foi “Culturas Inteligentes: inovações sustentáveis para a cidade e o campo”. A feira trata-se de uma atividade técnico-científico-cultural que promove a interação e a troca de experiências entre estudantes, professores e comunidade, por meio da exposição de produções científicas e culturais desenvolvidas no contexto escolar. Além de contemplar as diversas áreas do conhecimento, a FECITEC/SC contribui para o fortalecimento da criatividade, do raciocínio lógico, da capacidade de pesquisa e da autonomia dos estudantes, ao mesmo tempo em que valoriza a divulgação científica. Nesse cenário, tanto a professora quanto os estudantes sentiram o desejo de elaborar um trabalho que chamasse a atenção dos visitantes e colegas, o que levou à ideia de construir uma apresentação interativa, aproximando o público do tema de forma dinâmica e crítica. A seguir, é descrito o passo a passo do projeto:

1. A seleção dos estudantes orientandos:

A FECITEC/SC, proposta pelo governo do Estado, acontece, primeiramente, dentro da escola (primeira fase). Nessa etapa, a professora entra em contato com estudantes interessados em serem orientados no projeto. Em nosso caso, foram quatro estudantes do segundo ano do ensino médio que se engajaram para a pesquisa teórica. Nossa intenção, desde o início, era

apresentar o projeto de maneira interativa para o espectador. Nesse sentido, incluímos um estudante do primeiro ano do ensino médio com experiência e potencial em robótica, além da parceria com a sala maker da escola.

2. Pesquisa

Os estudantes foram orientados a realizar uma pesquisa bibliográfica aprofundada. Eles deveriam buscar informações sobre os conceitos de cidades inteligentes, uberização do trabalho e sustentabilidade social, utilizando artigos acadêmicos e reportagens de fontes confiáveis; dados sobre a informalidade e o número de trabalhadores por aplicativos no Brasil (IBGE, DIEESE, IPEA); vídeos (utilizamos “Vidas Entregues” e “Entregador Antifascista – entrevista com Galo de Luta”).

A partir disso, trabalhamos com a hipótese de que a lógica das cidades inteligentes, apesar do discurso de modernização, pode ignorar a sustentabilidade social, reforçando a precarização do trabalho.

Já a parte interativa, iniciamos com as primeiras ideias e projetos: criar um circuito com uma moto fictícia. Para isso, foi realizada a pesquisa e listados os materiais necessários:

- Moto (miniatura de papel);
- Maquininha de papel (simulação de pagamento);
- Caixinha de lanche, contendo perguntas reflexivas em papel;
- Arduino Leonardo (para controle via notebook);
- Jumpers (fios de conexão);
- Motor DC 3-6V;
- 5 Rolamentos;
- Correia;
- Botão vermelho (tipo *push-button*);
- Suporte porta 4 pilhas AA;
- 4 Pilhas AA;
- 2 LEDs;
- Módulo Relé;
- Micro Servo Motor;
- Isopor (para a montagem da base);
- Resistores;
- Cabos Garra (tipo jacaré);

- EVA (para acabamento estético).

3. Desenvolvimento da Atividade Prática

Depois de coletadas as informações, as orientandas prepararam um vídeo explicativo sobre o fenômeno da uberização e sua relação com a sustentabilidade social. Além disso, acrescentaram cortes da entrevista do “Galo de Luta”; criaram uma tabela com os indicativos de trabalhadores uberizados e criaram as perguntas reflexivas para a caixinha de perguntas, presente no circuito interativo.

Conforme apresentado na Figura 1, programamos um circuito robótico simples, usando um Arduino.³ A peça central foi uma miniatura de moto adaptada com sensores que se move automaticamente por uma trilha. Ao longo do percurso, a moto passou por três estações interativas:

1. Vídeo Expositivo: Uma tela (notebook) exibiu um vídeo criado e editado pelos próprios alunos, contextualizando o problema;
2. Dados e Informalidade: Uma simulação de maquininha de cartão onde o público inseriu um cartão contendo dados sobre informalidade e renda. Aqui a intenção foi surpreender e gerar reflexões com os números;
3. Reflexões Críticas: Um pote com “lanche” que, ao ser aberto, revelava perguntas reflexivas, como: “Você sabe quantas horas por dia um entregador costuma trabalhar?” ou “Você consideraria esse trabalho justo?”.

Figura 1: Estrutura do circuito interativo utilizado na apresentação do projeto “Cidades inteligentes, mas para quem? O fenômeno da uberização do trabalho”.



³ Arduino é uma plataforma de hardware e software de código aberto usada para construir projetos eletrônicos interativos. Ela é composta por uma placa de microcontrolador e uma interface de programação simplificada para a criação de protótipos e automação de dispositivos.

Fonte: Elaboração própria (2025)

4. Apresentação na escola (primeira fase) e coleta de dados:

Durante a apresentação, foi importante fazer a observação das reações e dos comentários dos espectadores. Os alunos que conduziram o projeto anotaram as respostas e as reações espontâneas para que fosse possível analisar e aperfeiçoar o trabalho para a próxima etapa da feira.

5. Segunda fase da feira (etapa regional)

Após a aprovação na etapa interna, avançamos para a Feira de Ciência e Tecnologia da Regional de Ibirama (FECITEC/Ibirama). Esse evento de Iniciação Científica funciona como um ponto de encontro dinâmico, onde estudantes, professores e a comunidade em geral se reúnem para interagir, trocar conhecimentos e apresentar seus projetos.

A feira abrangeu diversas áreas do conhecimento, e foi notável a contribuição dessa experiência para nutrir a criatividade, incentivar a pesquisa e promover a autonomia intelectual dos participantes, além de trazer o alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Encerramos nossa participação na etapa regional da feira com importantes feedbacks, que se mostraram enriquecedores e inspiradores para a continuidade do estudo e do projeto. Entre as apresentações que tivemos a oportunidade de conhecer, observou-se uma presença ainda reduzida de trabalhos provenientes das ciências humanas. Esse aspecto suscita reflexões acerca da necessidade de fortalecer o ensino e a valorização das ciências humanas e sociais, especialmente quando articuladas às discussões sobre sustentabilidade social. Ao mesmo tempo, foi gratificante observar o protagonismo estudantil no processo de iniciação científica, evidenciado pelo engajamento, pela autonomia e pelo orgulho dos estudantes em apresentar e defender suas próprias produções.

CONCLUSÃO

As transformações contemporâneas no mundo do trabalho, intensificadas pelo avanço das tecnologias digitais e pela expansão das plataformas de intermediação de serviços, têm produzido novas dinâmicas nas relações entre capital e trabalho. O fenômeno da chamada uberização evidencia que processos frequentemente apresentados como inovação tecnológica e modernização econômica também podem estar associados à intensificação da flexibilização das

relações laborais, à transferência de riscos para os trabalhadores e à reorganização de formas de controle mediadas por sistemas algorítmicos.

Nesse contexto, o debate sobre cidades inteligentes costuma enfatizar as potencialidades das tecnologias digitais para tornar a gestão urbana mais eficiente, melhorar a mobilidade e ampliar o acesso a serviços. Entretanto, como buscou demonstrar este trabalho, tais transformações também demandam uma análise crítica que considere os impactos sociais associados a esse modelo de desenvolvimento tecnológico. A expansão de serviços baseados em aplicativos depende diretamente do trabalho de milhares de motoristas e entregadores que atuam em condições frequentemente marcadas pela instabilidade econômica e pela ausência de garantias trabalhistas. Assim, a pergunta que orientou o projeto — “cidades inteligentes, mas para quem?” — constitui um ponto de partida relevante para problematizar as contradições presentes nas narrativas contemporâneas de inovação.

A experiência pedagógica apresentada neste trabalho evidencia o potencial do ensino de Sociologia na educação básica para promover a análise crítica de fenômenos sociais contemporâneos. Ao partir de um tema presente no cotidiano dos estudantes, como o uso de aplicativos de transporte e entrega, foi possível estimular reflexões sobre as transformações do trabalho, as desigualdades sociais e os discursos que acompanham as promessas de autonomia e empreendedorismo frequentemente associadas às plataformas digitais.

Nesse sentido, a utilização de estratégias pedagógicas que combinam discussão teórica, análise de materiais audiovisuais, produção de mapas mentais e atividades de imaginação social contribuiu para ampliar o repertório analítico dos estudantes. As representações produzidas durante as atividades em sala de aula demonstraram que os alunos foram capazes de interpretar criticamente o fenômeno da uberização, mobilizando conceitos sociológicos para expressar percepções sobre precarização do trabalho, fragilidade dos direitos trabalhistas e desigualdades sociais.

Outro aspecto relevante da experiência foi a construção do projeto apresentado na feira de ciências, que possibilitou a ampliação da investigação realizada em sala de aula. A elaboração de um circuito interativo, combinando elementos da Sociologia com recursos de programação e robótica, evidenciou o potencial de práticas pedagógicas interdisciplinares para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e significativo. Ao integrar conhecimentos das ciências humanas e das tecnologias digitais, o projeto permitiu aproximar o público visitante da temática proposta de maneira participativa e reflexiva.

A participação na feira também evidenciou o papel da iniciação científica escolar como espaço de formação intelectual e desenvolvimento da autonomia estudantil. Durante o processo de pesquisa, elaboração do material expositivo e apresentação do projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de experimentar práticas associadas à produção do conhecimento científico, como levantamento de dados, análise de informações, sistematização de conceitos e comunicação de resultados.

Além disso, os feedbacks recebidos durante a etapa regional da feira contribuíram para ampliar as reflexões sobre o próprio projeto. Questionamentos levantados por jurados e visitantes — como a sugestão de investigar dados relacionados aos lucros das empresas de aplicativos ou de explorar outras possibilidades de organização econômica, como iniciativas de economia solidária — apontaram caminhos relevantes para o aprofundamento futuro da pesquisa. Tais observações reforçam o caráter aberto e processual da investigação científica, indicando que o projeto pode continuar sendo desenvolvido e aprimorado em novas etapas.

A experiência também permitiu observar que, entre os trabalhos apresentados na feira, havia uma presença ainda reduzida de projetos provenientes das áreas das ciências humanas. Esse aspecto suscita reflexões importantes sobre a necessidade de ampliar o incentivo à produção científica escolar voltada para a análise de fenômenos sociais. Embora as áreas tecnológicas e das ciências naturais frequentemente ocupem maior espaço nesses eventos, as ciências humanas desempenham papel fundamental na compreensão crítica das transformações sociais, econômicas e culturais que marcam o mundo contemporâneo.

Nesse sentido, fortalecer a presença das ciências humanas em espaços de divulgação científica escolar representa não apenas uma forma de ampliar o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, mas também uma oportunidade de valorizar investigações que buscam compreender as dimensões sociais, políticas e culturais da realidade. Projetos como o apresentado neste trabalho demonstram que temas sociológicos podem ser explorados de maneira criativa e interdisciplinar, contribuindo para aproximar os estudantes da pesquisa e da reflexão crítica.

Apesar dos resultados positivos observados ao longo da experiência pedagógica, é importante reconhecer também algumas limitações do projeto. Como se trata de um relato de prática desenvolvido em um contexto escolar específico, com um grupo reduzido de estudantes envolvidos diretamente na pesquisa e na apresentação na feira, os resultados não podem ser generalizados para outras realidades educacionais sem as devidas mediações. Além disso, o tempo disponível para o desenvolvimento do projeto foi condicionado pelo calendário escolar

e pelas etapas da feira de ciências, o que limitou a possibilidade de aprofundar determinadas dimensões da investigação, como a análise mais detalhada de dados econômicos relacionados às plataformas digitais ou a realização de entrevistas com trabalhadores de aplicativos.

Por outro lado, essas mesmas limitações apontam caminhos para possíveis desdobramentos futuros da experiência. A continuidade do projeto poderia envolver, por exemplo, a ampliação da pesquisa empírica, incorporando novas fontes de dados e perspectivas analíticas sobre o trabalho mediado por plataformas digitais. Investigações futuras poderiam também explorar de maneira mais aprofundada alternativas e propostas discutidas no debate público, como iniciativas de economia solidária, cooperativas de trabalhadores de aplicativos ou formas de regulação estatal dessas plataformas. Tais possibilidades ampliariam o potencial investigativo do tema, ao mesmo tempo em que fortaleceriam o diálogo entre o ensino de Sociologia, a pesquisa escolar e as discussões contemporâneas sobre trabalho, tecnologia e justiça social.

Por fim, considera-se que experiências pedagógicas que articulam investigação, criatividade e protagonismo estudantil podem contribuir significativamente para o fortalecimento do ensino de Sociologia na educação básica. Ao possibilitar que os estudantes analisem fenômenos sociais contemporâneos a partir de diferentes perspectivas teóricas, tais práticas favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e ampliam as possibilidades de compreensão da complexidade das relações sociais no mundo atual.

Dessa forma, iniciativas que incentivam a produção de projetos investigativos, a participação em feiras científicas e o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento constituem estratégias importantes para aproximar os estudantes das práticas de pesquisa e para reafirmar a relevância das ciências humanas na formação de sujeitos críticos e socialmente conscientes.

REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e platformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 23, n. 57, 2021.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

AREOSA, João. O meu chefe é um algoritmo: reflexões preliminares sobre a uberização do trabalho. *Segurança Comportamental*, ano 11, n. 14, p. 51–56, 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/350621711_O_meu_chefe_e_um_algoritmo_-_Reflexoes_preliminares_sobre_a_uberizacao_do_trabalho. Acesso em: 8 abr. 2026.

FEIRA ESTADUAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/programas-e-projetos/feira-estadual-de-ciencia-e-tecnologia-de-santa-catarina/>. Acesso em: 8 abr. 2026.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características adicionais do mercado de trabalho 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pnad-continua.html>. Acesso em: 10 abr. 2026.

LEITE, Carlos. *Cidades inteligentes, cidades sustentáveis*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

SOARES, Murilo Moreira; CONSTANTINO, Rafael Henrique; GUIMARÃES, Victor Hugo de Souza. O fenômeno da uberização e suas implicações na relação de trabalho contemporânea. *E&G Economia e Gestão*, Belo Horizonte, v. 21, n. 60, p. 235–245, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/egeg/article/view/101778>. Acesso em: 8 abr. 2026.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004